

Maria Goreti Rodrigues Ferreira de Carvalho

**Estratégias de *Coping* em Crianças e Adolescentes que
Experienciaram Situações Adversas**

Universidade Fernando Pessoa

FCHS

Porto, 2017

Maria Goreti Rodrigues Ferreira de Carvalho

**Estratégias de *Coping* em Crianças e Adolescentes que
Experienciaram Situações Adversas**

Universidade Fernando Pessoa

FCHS

Porto, 2017

Maria Goreti Rodrigues Ferreira de Carvalho

Estratégias de *Coping* em Crianças e Adolescentes que Experienciaram Situações Adversas

Maria Goreti Rodrigues Ferreira de Carvalho
Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa pela mestranda Maria Goreti Rodrigues Ferreira de Carvalho, como parte integrante dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Justiça: Vítimas de Violência e de Crime, sob a orientação da Professora Doutora Sónia Caridade.

Dedicatória

Aos meus Pais, Irmãos e Marido.

Agradecimentos

A concretização desta tese só foi possível com o apoio, força e incentivo de várias pessoas, às quais não podia deixar de fazer a devida referência. Desta forma, expresso os meus mais sinceros agradecimentos, nomeadamente:

À Professora Doutora Sónia Caridade, orientadora da presente tese, pela sua total e incondicional disponibilidade, e por todos os ensinamentos partilhados através do seu conhecimento e profissionalismo. Obrigada pela confiança depositada, e pelas orientações dispensadas ao longo deste trabalho;

Aos meus pais, pela compreensão, apoio e por todos os sacrifícios que fizeram ao longo destes anos, para que eu conseguisse alcançar os objetivos a que me propus, pois sem toda a confiança que em mim depositaram, não teria sido possível chegar a bom porto. Obrigada pelo amor incondicional nos bons e nos maus momentos;

Aos meus irmãos, que tiveram de abdicar de tanta coisa para que o meu sonho se tornasse realidade. Desde sempre os meus melhores amigos, companheiros e confidentes. Obrigada por serem a minha fonte de inspiração, e por me fazerem querer ser uma pessoa melhor;

Ao meu melhor amigo, namorado e marido, pela força, palavras de incentivo e conforto, que foram uma constante, e me fizeram acreditar que era possível. Sem ti, esta caminhada teria sido muito mais difícil. O teu apoio e carinho foram imprescindíveis para ultrapassar os obstáculos que foram aparecendo neste longo percurso. Obrigada por estares sempre ao meu lado;

À Professora Doutora Aurora Pereira, também minha sogra, à Doutora Salete, à D. Anabela e à Dr.^a Sandra, pela ajuda proporcionada na realização deste trabalho, e por toda a disponibilidade e carinho demonstrado. Sem vocês, esta luta teria sido muito mais árdua;

À Doutora Susana Marinho e à Doutora Paula Ramos, pela disponibilidade e colaboração durante a realização do estágio;

A todos os professores, pelos ensinamentos transmitidos ao longo dos anos de formação, e a todos os meus amigos e colegas de curso pela amizade e entajuda constante;

Às instituições que me permitiram realizar a pesquisa e também às crianças e encarregados de educação que aceitaram participar neste estudo e enriqueceram a minha aprendizagem;

A todos em geral, e a cada um em particular, o meu mais sincero obrigada.

Resumo

A presente dissertação tem como principal objetivo caracterizar os tipos de vitimação a que os participantes do estudo estiveram sujeitos, e identificar e caracterizar as estratégias de *coping* mobilizadas para lidar com estas situações e, assim, resistir ativamente face ao impacto dessas experiências adversas. Neste estudo participaram 35 crianças e adolescentes de ambos os sexos (40% do sexo masculino e 60% do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos ($M=10.17$; $D.P.=1.524$), todas com processo de promoção e proteção instaurado em Comissões de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Risco. Para avaliar as estratégias de *coping* utilizadas, recorreu-se ao *Schoolagers' Coping Strategies Inventory* (SCSI), administrado após consentimento informado. Os resultados da investigação demonstraram que as crianças e adolescentes da amostra utilizam maioritariamente as estratégias de *coping* do tipo de distração cognitivo-comportamental e ativas, em oposição às estratégias de *acting-out*, que foram também percecionadas pelos sujeitos como as menos eficazes. Não foram ainda detetadas diferenças de sexo estatisticamente significativas ao nível das diferentes estratégias de *coping* medidas no presente estudo. Este estudo permitiu, deste modo, uma melhor compreensão da temática do *coping*, fundamental para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes junto das crianças e adolescentes, assim como juntos dos restantes membros da nossa sociedade.

Palavras-chave: Estratégias de *coping*, situações adversas, crianças, adolescentes.

Abstract

The main objective of this dissertation is to characterize the types of victimization to which the study participants were subjected and to identify and characterize the coping strategies mobilized to deal with these situations and thus actively resist the impact of these adverse experiences. In this study 35 children and adolescents of both sexes (40% male and 60% female), aged 8 to 12 years ($M = 10.17$, $SD = 1.524$), all with a promotion and protection process opened in Commissions for the Promotion and Protection of Children and Young People at Risk. To evaluate the coping strategies used, we used the Schoolagers' Coping Strategies Inventory (SCSI), administered after informed consent. The results of the research demonstrated that the children and adolescents of the sample use mainly coping strategies of the type of cognitive-behavioral and active distraction, as opposed to the strategies of acting out, which were also perceived by the subjects as the least effective. No statistically significant sex differences were found in the different coping strategies measured in the present study. This study allowed a better understanding of coping, which is fundamental for the development of more effective interventions with children and adolescents, as well as with other members of our society.

Keywords: *Coping* strategies, adverse situations, children, adolescents.

Résumé

Ce travail vise à caractériser les types de victimisation à laquelle les participants à l'étude ont été soumis, et d'identifier et de caractériser les stratégies d'adaptation mobilisées pour faire face à ces situations et donc résister activement contre l'impact de ces expériences d'étude adversas. N'este participé à 35 enfants et adolescents des deux sexes (40% d'hommes et 60% de femmes), âgés de 8 à 12 ans ($M = 10.17$, $SD = 1,524$), tous les processus de promotion et de protection ouvert en comités de promotion et de protection des enfants et des jeunes à risque. Pour évaluer les stratégies d'adaptation utilisées, fait appel à des stratégies d'adaptation de l'inventaire des Schoolagers (SCSI), administré après consentement éclairé. Les résultats de recherche ont montré que les enfants et les adolescents de l'échantillon utilisent principalement les stratégies d'adaptation du type de distraction cognitive-comportementale et active, par opposition aux stratégies acting-out, qui étaient également perçues par des sujets comme moins efficace. Il n'a pas encore été détecté différences entre les sexes statistiquement significatif au niveau des différentes stratégies d'adaptation des mesures dans cette étude. Cette étude a, par conséquent, une meilleure compréhension du thème d'adaptation, la clé du développement d'interventions plus efficaces pour les enfants et les adolescents, ainsi que ainsi que les autres membres de notre société.

Mots-clés: Les stratégies d'adaptation, des situations défavorables, les enfants, les adolescents.

Índice

Introdução Geral	13
Capítulo I - Enquadramento Teórico	17
1.1 Introdução	17
1.2 Coping e processos de desenvolvimento	20
1.3 Coping em crianças e adolescentes que vivenciaram situações adversas.....	23
Capítulo II - Estudo Empírico	28
2.1 Objetivos gerais e específicos	28
2.3 Metodologia	28
2.3.1 Método	29
2.3.1.1 Participantes.....	29
2.3.1.2 Instrumentos	30
2.3.1.3 Procedimentos	31
2.4 Análise de dados	33
2.5 Apresentação dos Resultados.....	34
2.5.1 Caracterização das experiências de vitimação dos participantes	34
2.5.2 Caracterização das estratégias de coping	34
2.5.3 Caracterização das estratégias de coping em função da eficácia percebida pelos participantes	36
2.5.4 Caracterização dos fatores da SCSÍ	37
2.5.5 Análise das diferenças de sexo nas estratégias de coping.....	38
3. Discussão dos Resultados.....	40
Conclusão Geral	45
Referências	47
Anexos.....	52
Anexo A - Autorização das autoras da escala para a sua utilização	53
Anexo B - Consentimento Informado para os Pais.....	55

Índice de tabelas

Tabela 1 - Caracterização da frequência das estratégias de <i>coping</i> utilizadas pelas crianças e adolescentes	35
Tabela 2 - Caracterização da eficácia das estratégias de <i>coping</i> utilizadas pelas crianças e adolescentes	36
Tabela 3 - Caracterização dos diferentes fatores da SCSI.....	37
Tabela 4 - Sexo e estratégias de <i>coping</i> (frequência e eficácia).....	38
Tabela 5 - Sexo e estratégias de <i>coping</i> (fatores)	39

Introdução Geral

A literatura sobre *coping* na infância tem vindo a apresentar diferentes estratégias para descrever os pensamentos e comportamentos utilizados frente a eventos adversos (Lima, Lemos, & Guerra, 2002).

Para Lazarus e Folkman (1984) as estratégias de *coping* integram um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizados pelos indivíduos para lidar com eventos específicos, que implicam exigências internas ou externas, e que surgem em eventos de grande stress, percebidos como situações de resolução com um grau de dificuldade superior aos recursos pessoais do indivíduo (Borges, Manso, Tomé, & Matos, 2006).

Boekaerts (1996) refere que os principais eventos adversos experienciados pelas crianças, de maior ou menor escala, estão relacionados com problemas emocionais e de comportamento. Contudo, tem sido observável uma variação no que diz respeito às estratégias utilizadas pelas crianças para enfrentar e atuar ativamente perante estas situações adversas, sendo estas diferenças justificáveis com as diferenças na disponibilidade de recursos e estratégias utilizadas (Beresford, 1994; Folkman, 1984; Rossman, 1992).

Lisboa, Koller, Ribas, Bitencourt, Oliveira, Porciuncula, e Marchi (2002) demonstraram que a aprendizagem de comportamentos agressivos como forma de resolução das situações de conflito está diretamente relacionada com o ambiente agressivo em que a criança e adolescente está inserida (e.g., situações de violência doméstica, maus tratos, exposição a modelos desviantes).

Os primeiros estudos na área do stress conduzidos com crianças e adolescentes, focaram a ocorrência de eventos de vida negativos, assim como os sintomas psicológicos causados por esses eventos, não considerando as estratégias de *coping* utilizadas pelas crianças (Dell'Aglio & Hutz, 2002). Assim, Compas (1987) defende que é necessário considerar a dependência da criança em relação ao adulto e as características básicas do seu desenvolvimento cognitivo e social, para que possamos aplicar as noções de stress e *coping* às ações das crianças. Na mesma linha de pensamento, Ryan-Wenger (1992) e Peterson (1989) abordam a necessidade de desenvolver uma teoria do stress específica para esta população - crianças.

Segundo Ryan-Wenger (1992) as situações adversas vivenciadas pelas crianças são diferentes daquelas que são experienciadas pelos adultos, reportando-se sobretudo a situações com os pais ou outros membros da família, professores ou a condições

socioeconómicas desfavoráveis, situando-se fora do controlo direto das crianças, pelo que são difíceis de serem modificadas pelas próprias. Neste contexto, Peterson (1989) refere ainda que o nível de desenvolvimento cognitivo da criança se constitui como peça importante a ser analisada, pois também ele influencia a utilização das estratégias de *coping*, uma vez que a criança tem que realizar uma avaliação do evento adverso para iniciar uma ação adaptativa (Dell'Aglio & Hutz, 2002).

Têm emergido diversos modelos que procuram explicar a forma como as crianças lidam com as situações adversas, como o modelo de avaliação cognitiva de Lazarus e Folkman (1984), o modelo de duas dimensões de controle primário e secundário de Band e Weisz (1988) e o modelo *monitoring-blunting* de Miller (1981). Apesar das diferenças evidentes entre elas, todas as abordagens dão ênfase à distinção entre os dois tipos fundamentais de *coping*: o *coping* focado na emoção e o *coping* focado no problema (Borges, Manso, Tomé e Matos, 2006).

A investigação na área das estratégias de *coping* na população infantil não é abundante, estando este facto diretamente associado à escassez de instrumentos fiáveis e válidos para avaliar os processos de *coping* na criança. A falta de consenso na literatura relativamente à conceptualização do *coping* nas crianças e adolescentes reflete-se na forma de o medir e, por isso, diferentes autores têm utilizado diferentes métodos de medida para o *coping* nas crianças, como escalas de registo, entrevistas, autorrelatos, discussões de grupo e observações, tendo a maioria destes autores construído os seus próprios instrumentos, sem ter em conta aqueles que já existiam (Lima et al., 2002).

Os instrumentos mais conhecidos são os instrumentos de Frydenserg e Lewis (1991), a *Adolescent Coping Scale*, que avalia a forma como os adolescentes lidam com as preocupações gerais; o instrumento de Seiffge-Kneuke (1990) que avalia o modo como os adolescentes lidam com os stressores desenvolvimentais normativos; o instrumento de Boekaerts, Hendriksen e Maes (1987), o *Stress and Coping Inventory*, que avalia o *coping* em resposta a stressores específicos (Lima et al., 2002).

Em oposição à tendência, Ryan-Wenger construiu o *Schoolagers' Coping Inventory Scale* (1990) (SCSI) que não diferencia as estratégias de *coping* comportamentais e emocionais, e permite avaliar simultaneamente a perceção da eficácia das várias estratégias por parte da criança (Lima et al., 2002), motivo pelo qual o seleccionamos para efeitos da presente investigação

Devido à escassez de estudos nesta área em Portugal, Lima, Lemos e Guerra (2002) traduziram e adaptaram para a população portuguesa o inventário de Ryan-Wenger

(1990), o SCSI, um instrumento de autorrelato que mede a frequência e eficácia das estratégias de *coping* utilizadas pelas crianças perante situações adversas. Os resultados obtidos por estas autoras sugerem que as crianças e pré-adolescentes utilizam uma grande variedade de estratégias de *coping*, destacando-se as do tipo distração cognitivo-comportamental e tendo menor evidência as do tipo *acting-out*. Constataram ainda que com o crescimento das crianças, estas utilizam menos estratégias do tipo distração cognitivo-comportamental e, consideram as suas estratégias menos eficazes para lidar com os seus problemas. Os autores encontraram ainda diferenças relativamente ao sexo, onde os indivíduos do sexo feminino tendem a perceber as estratégias ativas como mais eficazes do que os do sexo masculino, que recorrem preferencialmente às estratégias do tipo *acting-out*, percebendo-as como mais eficazes.

Deste modo, e tendo como referência o estágio académico realizado na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco da Maia, que possibilitou constatar as diversas dimensões materiais e simbólicas, psicológicas e sociais evidentes nas estratégias de *coping* adotadas por crianças e jovens que experienciaram diferentes situações adversas, procedeu-se à elaboração da presente investigação, intitulada de "Estratégias de *coping* em crianças e adolescentes que experienciaram situações adversas".

A problemática desenvolveu-se a partir de uma primeira questão: quais os tipos de vitimação a que estão sujeitos as crianças e os adolescentes em estudo? Desta forma, o primeiro objetivo do estudo prendeu-se com a necessidade de identificar os diferentes tipos de vitimação a que as crianças e adolescentes participantes estiveram sujeitos, e que levaram à instauração do processo de promoção e proteção.

Seguidamente, fizemos a análise relativa às estratégias de *coping* mobilizadas pelos indivíduos, onde se pretende identificar as estratégias utilizadas pelas crianças e adolescentes para lidar e resistir ativamente contra o impacto das experiências de vitimação vivenciadas.

Por último, examinou-se a relação entre as estratégias de *coping* utilizadas e o sexo dos indivíduos.

Através dos resultados obtidos com esta investigação, pretende-se contribuir para um aumento do conhecimento sobre esta temática e para uma intervenção mais ajustada e profícua nestas situações.

A construção do presente trabalho foi organizada em dois capítulos: teórico e empírico. O capítulo teórico, correspondente à primeira parte, contém a abordagem aos conceitos de *coping*, assim como às diferentes estratégias de *coping* utilizadas pelas

crianças e adolescentes. A segunda parte refere-se ao nível empírico e é relativa a um estudo quantitativo, onde se consideram os principais objetivos e as variáveis, seguidas do método, caracterização dos participantes, do instrumento utilizado, e dos procedimentos usados na recolha de dados. Os resultados foram obtidos através da análise realizada e são posteriormente apresentados e discutidos.

Este trabalho encerra com uma síntese integradora dos dados obtidos e a enunciação de vetores interpretativos e sugestões para eventuais linhas de investigação futura neste domínio.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

1.1 Introdução

A comunidade científica tem desenvolvido esforços para compreender a complexidade das situações de risco na infância, e, desta forma, têm dirigido a sua atenção para as diversas formas pelas quais as crianças lidam com as situações adversas durante seu processo de desenvolvimento (Lisboa, et al., 2002).

Este interesse pelo estudo do *coping* prende-se, em grande parte, por se tratar de um conceito estreitamente associado ao ajustamento social e à saúde dos indivíduos (Lisboa et al., 2002) quando expostos a circunstâncias adversas.

Segundo Compas, Connor-Smith, Saltzman, Thomsen, e Wadsworth (2001) é de extrema importância fazer uma distinção entre os conceitos de *coping*, resiliência e competência. O mesmo autor considera que o *coping* diz respeito aos processos adaptativos, enquanto a competência se refere às características e recursos necessários para uma adaptação efetiva, que pode funcionar como um impulsionador do desenvolvimento. A resiliência, por sua vez, reflete-se nos resultados obtidos quando a competência e o *coping* entram em ação em resposta ao stress e às situações adversas (Compas, 2001; Morais & Koller, 2011).

Segundo Lazarus e Folkman (1984), o *coping* envolve um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com situações específicas, internas e externas, que surgem em situações de stress, percebidas como uma situação de sobrecarga, ou para as quais o indivíduo não possui os recursos pessoais adequados. Estes esforços, assim como as tentativas de regular as emoções negativas associadas aos eventos stressantes, são importantes para reduzir os efeitos negativos dos mesmos, incluindo os problemas emocionais e comportamentais, tal como mostraram diversos estudos (e.g., Boekaerts, 1996; Compas, Malcarne, & Fondacaro, 1988).

Contudo, os estudos têm demonstrado também diferenças individuais ao nível dos problemas associados às experiências stressantes, que podem, por sua vez, ser associadas, quer às diferenças nos recursos e métodos individuais utilizados para lidar com os eventos adversos, quer às características de personalidade de cada indivíduo (Beresford, 1994; Compas, Banez, Malcarne, & Worsham, 1991; Folkman, 1984; Rossman, 1992).

Além dos diferentes modelos e estratégias propostos nos diversos estudos na área, há também alguma controvérsia quando se considera o *coping* como um processo disposicional ou situacional.

Assim, Stone, Greenberg, Kennedy-Moore e Newman (1991) procuraram categorizar os indivíduos consoante a sua tendência em utilizar certo estilo de estratégia de *coping*, abordando desta forma o *coping* como um fenómeno psíquico, com características relativamente estáveis e duradouras, sendo estas avaliadas através de entrevistas e testes de personalidade, desenvolvidos segundo a tradição dos inventários de traço.

Atualmente tem sido mais amplamente investigado o carácter disposicional do *coping*, avaliando as possíveis relações entre *coping* e personalidade, através da utilização do modelo dos Cinco Grandes Fatores, que defende que as diferenças individuais podem influenciar as estratégias de *coping* utilizadas, a partir da existência de determinada estabilidade nas suas manifestações (O'Brien & DeLongis, 1996; Watson & Hubbard, 1996).

Folkman e Lazarus (1980, citados por Lisboa et al., 2002), sustentam que o indivíduo ativa os processos cognitivos de forma a identificar a situação crítica com a qual se depara, avalia as suas condições atuais, experiências anteriores eficazes ou ineficazes, o grau de risco envolvido, e analisa os recursos disponíveis e as alternativas possíveis para lidar com o evento stressante.

Na perspetiva situacional, o *coping* é percebido como um processo cognitivo, passível de mudança em função do tempo e da situação de stress na qual o indivíduo se encontra, e as suas reações ou estratégias de *coping* utilizadas irão depender da avaliação objetiva e subjetiva que este faz da situação, e da sua interação com o ambiente. Desta forma, a eficácia e a adaptabilidade das estratégias de *coping* não são pré-determinadas, mas resultam da interação entre a pessoa, o tipo de situação, o tempo e os resultados da sua utilização (Beresford, 1994).

Assim, os estilos de *coping* têm sido relacionados às características de personalidade e aos fatores disposicionais do indivíduo, enquanto as estratégias de *coping* se referem às ações cognitivas ou ao comportamento, relativas a um episódio particular de stress, e como estando ligadas a fatores situacionais (Dell'Aglio & Hutz, 2002). Muitos dos trabalhos realizados sobre os processos de *coping* apoiam-se na teoria de stress de Lazarus e Folkman (1984), que propõe um processo recíproco de avaliação cognitiva de recursos de *coping* e dos elementos que constituem fonte de stress. Estes autores

ênfatizam o papel assumido pelas estratégias de *coping*, referindo que estas estratégias podem mudar de momento para momento, durante os estágios de uma situação stressante, defendendo também a impossibilidade de prever as respostas situacionais a partir do estilo típico de *coping* de cada indivíduo.

As estratégias de *coping* funcionam como moderadoras dos efeitos dos acontecimentos de vida adversos, regulando o bem-estar psicológico, sendo as estratégias de *coping* ativas associadas a um ajustamento mais positivo, e as de evitamento são geralmente relacionadas a uma adaptação deficitária (Compas et al.,1988).

Não obstante, Kliewer (1991) considera que o comportamento de evitação pode ser a única alternativa viável para uma criança lidar com uma situação que não pode controlar, enquanto que para um adulto, este comportamento pode representar uma falta de competências para lidar com a situação. O autor afirma também que as estratégias de evitação e as focadas na emoção podem funcionar como adaptativas, podendo as primeiras refletir uma tentativa de manter o controlo da situação, sendo que estas estratégias são mais usadas entre as raparigas e entre crianças com mais sintomas depressivos.

São, pois, inúmeros os trabalhos internacionais que se têm debruçado sobre esta matéria. Contudo, em Portugal o investimento científico neste domínio é incipiente. Com esta revisão da literatura sobre o tema, pretendemos sistematizar as principais evidências em matéria de *coping* na infância e adolescência.

Assim, primeiramente, começaremos por analisar a relação entre *coping* e o processo de desenvolvimento e como este último poderá condicionar ou promover o recurso a determinadas estratégias de *coping*. Procuraremos, ainda, caracterizar as estratégias de *coping* mais utilizadas por crianças e adolescentes quando confrontados com situações adversas. Para finalizar, procuraremos tecer algumas considerações sobre os trabalhos futuros neste domínio e implicações dos mesmos para a prática interventiva.

1.2 *Coping* e processos de desenvolvimento

Encontrando-se as crianças e os adolescentes em processo de desenvolvimento devem ser observados de uma forma específica, tendo em conta as características do contexto social em que ocorre o evento stressante, assim como as próprias características dos sujeitos em desenvolvimento (Dell'Aglio & Hutz, 2002).

Assim, e de acordo com Compas (1987) são imprescindíveis alterações no recurso às noções de stress e *coping* aquando da análise dos comportamentos das crianças e dos adolescentes, uma vez que, para entender os seus recursos, estilos e estratégias de *coping*, é impreterível a compreensão do seu contexto social, tendo em conta a dependência da criança em relação ao adulto para a sua sobrevivência e a limitações decorrentes da imaturidade biológica e psicológica para responder ao stress.

Tem sido, deste modo, sustentado que as características básicas do desenvolvimento cognitivo e social, tais como as crenças sobre a autoperceção e a autoeficácia, os mecanismos inibitórios e de autocontrolo, a atribuição de causalidade, o tipo de relacionamento com os pais e os amigos, entre outras, poderão afetar o entendimento das crianças em relação ao stress e, por consequência, a sua resposta a estas situações (Compas, 1987).

Esta necessidade de diferenciação entre crianças e adultos, no que diz respeito às teorias sobre eventos causadores de stress e estratégias de *coping* é também defendida por Peterson (1989) e Ryan-Wenger (1992).

Peterson (1989) documenta a influência que o nível de desenvolvimento cognitivo poderá ter na utilização de determinadas estratégias. De forma mais concreta, o autor considera que a criança necessita de realizar uma avaliação do fator de stress, sendo que essa avaliação envolve diversos processos em simultâneo, tais como: a relação entre o evento stressante e a lembrança de eventos semelhantes, enfrentados em situações anteriores, bem como a definição de parâmetros do evento stressante, como a intensidade, a duração e a probabilidade de uma nova ocorrência do evento adverso (Peterson, 1989).

Ryan-Wenger (1992) acrescenta que os eventos adversos experienciados pela criança diferem dos eventos stressantes vividos pelos adultos, uma vez que, para as crianças, esses eventos estão relacionados com situações que envolvem os pais ou outros familiares, professores, ou condições socioeconómicas que estas não são capazes de controlar diretamente, sendo, desta forma, mais difíceis de serem modificados pela própria criança.

As estratégias de *coping* utilizadas pelas crianças podem variar quando o problema está relacionado com os familiares ou com o grupo de pares, ou com os professores, por exemplo. Nestes ambientes, as diferenças estão relacionadas com os diversos tipos de relações interpessoais nas quais coexistem questões de hierarquia e de poder. As crianças tendem a lidar de forma distinta quando enfrentam adversidades relacionadas com o seu grupo de pares, do que com os seus pais ou professores (Antoniazzi, 2000; Dell’Aglío, 2000; Lisboa, 2001).

Assim, verificam-se diferenças significativas nas ações e estratégias utilizadas pelas crianças, principalmente no que diz respeito à aproximação e evitação, nos domínios escolar e familiar (Antoniazzi, 2000, citado por Lisboa et al., 2002). As estratégias agressivas e de busca de apoio social ocorrem com maior frequência nos conflitos com os pares, enquanto que com os adultos, as estratégias mais utilizadas são as de ação direta, quando é possível a negociação, e as de evitação ou inação, quando a possibilidade de negociação não se verifica, devido a questões de hierarquia e autoridade (Dell’Aglío, 2000; Lisboa, 2001).

Já as respostas das crianças aos conflitos com os seus pares parecem estar associadas à continuidade da vitimização (Kochenderfer-Ladd 1997; Smith, Talamelli, Cowie, Naylor, & Chauhan, 2004) e ao seu impacto no ajustamento (Kochenderfer-Ladd 2004; Kochenderfer-Ladd & Skinner 2002). Estas parecem ter um maior autocontrolo na externalização das respostas à situação adversa (Hunter, Boyle & Warden 2006), analisando mais extensivamente a situação e procurando frequentemente ajuda externa (Hunter & Boyle 2004).

Devido à controvérsia gerada pelas diferentes propostas de modelos de *coping* que variam na sua estrutura e produzem diferentes implicações evolutivas (Antoniazzi, Dell’Aglío, & Bandeira, 1998), têm sido utilizados diversos modelos para direccionar as pesquisas que envolvem as crianças e adolescentes, as situações de stress por elas experienciadas, e as consequentes estratégias de *coping* utilizadas.

Entre estes modelos, destacam-se o modelo de avaliação cognitiva (Lazarus & Folkman, 1984), o modelo de duas dimensões de controlo primário e secundário (Band & Weisz, 1988) e o modelo monitoring-blunting (Miller, 1981).

No entanto, e apesar da diversidade aparente, todas estas abordagens enfatizam uma mesma distinção básica entre dois tipos fundamentais de *coping*, ou seja, as estratégias de *coping* baseadas na intenção e as estratégias de *coping* baseadas na função dos esforços realizados. As primeiras referem-se ao esforço para mudar ou implementar alguns aspetos

de uma pessoa, de um ambiente ou de uma relação percebida como stressante, estando assim focadas no problema; por sua vez, as estratégias de *coping* baseadas na função dos esforços realizados, focam-se no esforço para administrar ou regular as emoções negativas associadas à situação de stress, ou seja, centram-se na emoção, sendo que ambas se efetivam através de diferentes estratégias de *coping*, utilizadas pelo indivíduo em situações adversas (Dell’Aglío & Hutz, 2002).

Ryan-Wenger (1992), através de uma síntese de trabalhos empíricos sobre estratégias de *coping*, conseguiu identificá-las e agrupá-las, tendo em conta algumas características fundamentais comuns, o que permitiu reduzir essas estratégias a 15 categorias de *coping*, nomeadamente: as atividades agressivas, os comportamentos de evitação, o comportamento de distração, a evitação cognitiva, a distração cognitiva, a solução cognitiva de problemas, a reestruturação cognitiva, a expressão emocional, a resistência, a busca de informação, as atividades de isolamento, as atividades de autocontrolo, a busca de suporte social, a busca de suporte espiritual e a modificação do elemento causador de stress. Existem ainda alguns autores (e.g., Kliwer, 1991; Losoya, Eisenberg, & Fabes, 1998) que fizeram referência à estratégia de inação (*doing nothing*), onde a criança não reproduz qualquer tipo de comportamento.

Segundo Boekaerts (1996), as crianças e adolescentes poderão adotar uma vasta diversidade de estratégias de *coping*, divergindo em função dos domínios da sua vida quotidiana (meio escolar, familiar, social). A autora afirma também que as estratégias mais frequentes entre crianças e adolescentes podem passar pelas diversas formas de *coping* ativo, ou pelas estratégias de *coping* interno. As estratégias menos frequentes parecem ser a autodestruição, a agressão, o *coping* de confronto, o afastamento, o relaxamento e o controlo da ansiedade (Boekaerts, 1996).

Os diferentes estudos sobre *coping* realizados com crianças e adolescentes demonstram que, quer as estratégias focadas no problema, quer as estratégias focadas na emoção, são importantes para a adaptação dos indivíduos ao stress (Compas, 1987; Losoya, Eisenberg, & Fabes, 1998).

É também importante referir que a efetividade das estratégias de *coping* também depende da maleabilidade e capacidade de mudança do indivíduo. Segundo alguns autores (e.g., Compas, 1987) uma estratégia que se revela adaptativa para lidar com uma determinada fonte de stress, num determinado momento ou contexto, pode não ser eficaz quando usada noutra contexto ou noutra momento em resposta a uma mesma fonte.

Carver e Scheier (1994) defendem que cada indivíduo desenvolve uma forma habitual de responder às situações de stress e que estilos de *coping* podem influenciar as suas reações em novas situações, sendo que um estilo disposicional de *coping* pode influenciar o *coping* situacional numa determinada fase da situação, e o mesmo não se verificar noutra.

Por sua vez, Rossman (1992) considera que estas tendências mais gerais das estratégias de *coping* das crianças podem sofrer alterações em determinadas circunstâncias, dependendo da situação stressante, contudo podem também refletir predisposições ligadas ao temperamento, ou a experiências mais globais, inerentes a todas as crianças.

Em suma, a passagem em revista das diversas evidências produzidas no domínio do *coping* utilizado por crianças e adolescentes deixa clara a necessidade de se considerar o *coping* em função do processo de desenvolvimento em que a criança e/ou adolescente se encontra, em interação com o contexto e as circunstâncias que a rodeiam.

1.3 *Coping* em crianças e adolescentes que vivenciaram situações adversas

A magnitude e a complexidade das situações de risco na infância têm sido uma preocupação constante para os investigadores da área, que se têm focado na tentativa de compreender a forma como as crianças lidam com as situações adversas durante o seu processo de desenvolvimento (Barros, 2009).

A literatura documenta que os principais eventos adversos, de maior ou menor escala, que têm lugar na vida das crianças e dos adolescentes estão relacionados com problemas emocionais e de comportamento (Boekaerts, 1996). No entanto, existe uma variação no que se refere à forma como as crianças lidam com estas situações adversas, que se deve, em parte, às diferenças na disponibilidade de recursos e estratégias utilizadas (Beresford, 1994; Folkman, 1984; Rossman, 1992).

Os primeiros estudos na área do stress conduzidos com crianças e adolescentes, focaram a ocorrência de eventos de vida negativos, assim como os sintomas psicológicos causados por esses eventos, não considerando as estratégias de *coping* utilizadas pelas crianças (Dell’Aglia & Hutz, 2002). Estes estudos tinham por objetivo medir as variáveis que pudessem prever possíveis desordens, e tentavam estabelecer relações causais entre os fatores de stress e a sintomatologia apresentada (Boekaerts, 1996).

Alguns estudos (e.g., Lisboa et al., 2002) demonstraram que o ambiente agressivo está diretamente relacionado com a aprendizagem de comportamentos também estes agressivos, como forma de resolução das situações de conflito. A coerção, através da utilização da força física para influenciar ou controlar os demais, assim como os eventos, ou a resistência às imposições externas, pode ser eficaz na minimização da sensação desagradável provocada pela situação de stress, permitindo atingir o objetivo imediato a que se propõe (Lisboa et al., 2002).

As crianças podem ainda adotar estratégias de *coping* do tipo internalização (culpar-se) ou externalização (culpar outra pessoa, gritar ou bater). Utilizam também, muitas vezes, associadas à agressividade, estratégias de *coping* evitativas, o que demonstra o desejo de que a situação adversa nunca tivesse ocorrido, de forma a tentar alcançar aceitação social (Almqvist & Hwang, 1999).

Os resultados de investigações realizadas nos anos 90 indicam que as crianças podem apresentar sintomas, ou ser resilientes quando enfrentam eventos de vida negativos, em função da qualidade das suas estratégias de *coping* e das suas características de personalidade (Boekaerts, 1996). Estes estudos têm investigado eventos de vida das crianças e adolescentes considerados stressantes, como situações de divórcio dos pais, situações de hospitalização, consultas médicas, e situações relacionadas com os resultados académicos (Ayers, Sandler, West, & Roosa, 1996; Carson & Bittner, 1994; Compas et al., 1988; Kliewer & Sandler, 1993).

Nestes estudos têm sido também identificadas diferenças no uso das estratégias de *coping* relacionadas com o género e a idade.

As diferenças entre os sexos podem influenciar os processos de *coping* (Seiffge-Kneuk, 1990), uma vez que, por exemplo, rapazes e raparigas são socializados de forma diferente. Geralmente, rapazes e raparigas apresentam poucas diferenças ao nível cognitivo, comportamental e emocional durante a infância, demarcando-se estas diferenças com a entrada na adolescência. No entanto, as diferenças na expressão da agressividade aparecem desde a infância (Lisboa et al., 2002).

Geralmente, as raparigas são incentivadas para o uso de estratégias prossociais, enquanto os rapazes são instruídos para serem independentes e utilizarem estratégias de *coping* competitivas (Lopez & Little, 1996), utilizando com maior frequência a força física enquanto as raparigas tendem a verbalizar a sua hostilidade (Lisboa, et al., 2002; Olah, 1995). Myers e Thompson (2000) acrescentaram ainda que as raparigas tendem a

utilizar as estratégias de *coping* relacionadas com a estabilidade emocional, como o relaxamento, a busca pela diversão e o investimento em relacionamentos próximos.

No entanto, as diferenças entre os sexos devem ser analisadas mediante uma perspectiva ecológica, tendo em vista a interação entre fatores biopsicológicos e fatores ambientais, onde as diferenças e capacidades físicas relacionadas à força e habilidade na realização de determinadas atividades revelam ser características biológicas que provocam ou inibem respostas do ambiente e das pessoas com quem têm contato (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

No que diz respeito às diferenças de idade encontradas, Heckhausen e Schulz (1995) referem que as competências necessárias para o uso de estratégias de *coping* focadas no problema emergem em pontos do desenvolvimento diferentes, das capacidades necessárias para o uso de estratégias focadas na emoção. As primeiras parecem ser adquiridas em idade pré-escolar, e desenvolvem-se até aproximadamente aos 8 e aos 10 anos de idade (Compas et al., 1991) e as competências necessárias para a utilização de estratégias de *coping* focadas na emoção, tendem a ser adquiridas mais tarde, durante a adolescência, uma vez que as crianças de tenra idade não têm ainda consciência dos seus próprios estados emocionais, nem conseguem autorregular as suas emoções (Folkman & Moskowitz, 2000; Forman, 1993). Estas diferenças podem ser justificadas pela maior dificuldade em aprender a utilizar as estratégias de *coping* focadas na emoção através de processos de modelagem, ao contrário das estratégias de *coping* focadas no problema, mais facilmente observadas pelas crianças no comportamento dos adultos (Dell’Aglia & Hutz, 2002).

Já os adolescentes parecem utilizar mais as estratégias de *coping* focadas na emoção, não se diferenciando, no entanto, dos jovens adultos, o que sugere que as mudanças no desenvolvimento relacionadas com as estratégias de *coping* ocorrem até o final da adolescência (Compas et al., 1991).

Assim, pode dizer-se que com o avançar da idade, as crianças passam a ter maior acesso aos seus próprios pensamentos e às suas estratégias, permitindo-lhes a expansão do seu repertório de respostas às situações stressantes com as quais são confrontadas (Antoniuzzi et al., 1998; Garbarino, 1992; Hardie, 2005). Por sua vez, Losoya e colaboradores (1998) defendem que, com a idade, as crianças passam a usar mais frequentemente as estratégias que requerem um processo cognitivo mais sofisticado, tornando-se mais independentes, recorrendo menos ao apoio de terceiros para lidar com as situações de stresse.

Dell’Aglío e Hutz (2002) também observaram uma evolução na utilização das estratégias de *coping*, mediante um estudo realizado no Brasil, o qual envolveu crianças com idades compreendidas entre os sete e os 15 anos. Neste estudo, os autores verificaram que as crianças apresentam maior predisposição para a utilização de estratégias mais passivas e dependentes (ex.: inação e busca de apoio), e os adolescentes para estratégias mais ativas e independentes (ex.: ação agressiva e ação direta), comprovando-se assim a influência da idade no processo de *coping*.

Concomitantemente, Losoya e colaboradores (1998) defendem que o recurso às estratégias de *coping* de evitamento aumentam com a idade, podendo relacionar este aumento com o comportamento social apropriado, enquanto as estratégias de *coping* voltadas para a agressividade e expressão emocional diminuem com a idade, estando negativamente relacionados com a função social positiva. Assim, a estratégia de evitamento pode constituir uma forma construtiva de lidar com a situação, prevenindo um agravamento da situação de conflito. Desta forma, torna-se necessário entender o contexto no qual ocorre o processo de *coping*, para que se possa avaliar a adequação da estratégia utilizada (Dell’Aglío, 2000).

Os estudos de Dell’Aglío e Hutz (2002) sugerem também, que o tipo de interação ocorrida entre os participantes do evento de stresse tem um papel importante na escolha da estratégia de *coping* utilizada pela criança ou adolescente. Sabe-se ainda que os eventos que se mostram incontroláveis na perspectiva das crianças (e.g., situações que envolvem os pais ou outros familiares, professores, ou condições socioeconómicas) promovem um maior emprego de estratégias de evitação (Compas et al., 1991; Gamble, 1994).

Dell’Aglío e Hutz (2002) investigaram o tipo de interação entre os participantes do evento de stresse, distinguindo o envolvimento com pares e figuras de autoridade, tendo encontrado relações significativas entre o tipo de interação ocorrida e as estratégias de *coping* utilizadas. Verificaram que nos eventos que envolviam conflitos com as figuras de autoridade, as crianças e adolescentes utilizaram mais frequentemente as estratégias de aceitação, evitação e expressão emocional, enquanto nos eventos com pares (irmãos e colegas), recorreram maioritariamente às estratégias de ação agressiva e procura de apoio, o que indica, segundo os autores, que os eventos stressantes que ocorrem numa relação com adultos podem ser considerados incontroláveis pela criança, uma vez que parece não haver possibilidade de negociação devido à diferença de poder (Dell’Aglío & Hutz, 2002).

Estes resultados são corroborados pelo estudo conduzido por Lisboa e colaboradores (2002), onde os autores apuraram diferenças estatisticamente significativas entre as situações de stresse ocorridas entre a criança e os seus pares, e a criança e os seus professores. Neste estudo, verificaram que a estratégia de *coping* mais utilizada pelas crianças quando enfrentaram situações de stresse com os seus pares era a busca de apoio de um adulto, enquanto a estratégia de *coping* mais utilizada pelas crianças nas situações de conflito com os professores era a inação.

Os resultados deste estudo, segundo os autores, podem estar relacionados com o receio das consequências negativas de um confronto com uma figura de autoridade, uma vez que as crianças não encontram alternativas para adotar uma estratégia de *coping* eficaz, optando pela inação (Lisboa et al., 2002).

Em suma, as estratégias de *coping* utilizadas por rapazes e raparigas parecem divergir, o que parece resultar, em grande medida, das diferenças de género observadas no processo de socialização. Ademais, fica claro que há medida que a criança avança nos eu processo desenvolvimental, tende igualmente a verificar-se um evoluir no tipo de estratégias de *coping* utilizadas para fazer face as situações adversas. A tudo isto, importa ainda acrescentar, o papel importante do contexto onde a criança e/ou adolescente se encontram inseridos, bem como as especificidades individuais. Não obstante conforme nos lembra Dell’Aglío (2000), o processo de *coping* em situações adversas, em crianças e adolescentes, deve ser entendido como situacional, e não tanto disposicional, atribuindo uma maior importância às características da situação adversa do que às características individuais.

Capítulo II - Estudo Empírico

2.1 Objetivos gerais e específicos

As estratégias de *coping* revelam-se um pré-requisito indispensável para uma adaptação bem-sucedida, na medida em que se conhece o papel fundamental das estratégias de *coping* como variáveis mediadoras dos efeitos nefastos da experiência de situações adversas (Lima et al., 2002).

Ao abordar esta temática, é pretendido dar ênfase a uma questão que tem sido pouco abordada nos estudos recentes em Portugal, uma vez que a revisão de literatura efetuada permitiu verificar que o tema referente às estratégias de *coping* utilizadas especificamente por crianças e adolescentes permanece ainda pouco explorada, havendo uma escassez de trabalhos relativos a este assunto.

Com este estudo, de uma forma geral, pretende-se caracterizar os tipos de vitimação a que esteve sujeita a criança ou adolescente, sendo certo que esta caracterização será feita apenas a partir da informação que consta do processo da CPCJ, e as estratégias de *coping* mobilizadas para tal. Para uma concretização deste propósito mais eficaz, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. caracterizar as experiências de vitimação experienciadas pelas crianças ou adolescentes;
2. identificar as estratégias utilizadas pelas crianças e adolescentes para lidar e resistir ativamente contra o potencial impacto dessas experiências de vitimação;
3. identificar as estratégias percebidas como mais eficazes utilizadas pelas crianças e adolescentes para enfrentar as situações adversas;
4. caracterizar os diferentes fatores da SCSJ e identificar os fatores mais utilizados e percebidos como mais eficazes pelas crianças e adolescentes;
5. analisar se existem diferenças de sexo nas estratégias de *coping* utilizadas.

2.3 Metodologia

Considerando o objetivo deste estudo, ou seja, aprofundar os conhecimentos sobre as estratégias de *coping* utilizadas por crianças e adolescentes que experienciaram alguma situação adversa, optamos por um estudo que se situa no paradigma quantitativo, que se caracteriza por ser um processo formal e sistemático, onde se utilizam dados numéricos para obter informação da realidade, sendo os números obtidos submetidos a um tratamento estatístico para se alcançarem significações e se poderem generalizar os

resultados, tornando-se assim num método sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis (Fortin, 2009).

Segundo Moreira (1994) e Richardson (1999), o estudo quantitativo caracteriza-se por dar ênfase ao desenvolvimento da investigação dentro de protocolos estabelecidos e técnicas específicas, situando-se no âmbito do método das ciências em geral, baseado no teste da hipótese.

Consideramos também o estudo exploratório, na medida em que, para além de observar e descrever o fenómeno, exploramos as dimensões desse e o modo como este se manifesta (Sampieri, 2013). Por outro lado, ao explorar os fatores com os quais o fenómeno estudado se relaciona, assume um caráter descritivo. De acordo com Fortin (2009, p.237) enveredar por este tipo de estudo “implica a descrição completa de um conceito relativo a uma população, de maneira a estabelecer as características da totalidade ou de uma parte dessa mesma população”.

2.3.1 Método

A presente estudo é transversal, descritivo e correlacional, recorrendo-se para efeitos de recolha de dados à análise documental e a medidas de autorrelato.

2.3.1.1 Participantes

Participaram neste estudo um total de 35 crianças e adolescentes, que detinham Processo de Promoção e Proteção na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ) da área do Grande Porto. Os participantes idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos de idade, com uma média de idades de 10 anos (D.P.=1,524), onde 40% dos indivíduos são do sexo masculino (N=14) e 60% do sexo feminino (N=21).

Não sendo possível aceder a toda a população, a técnica de amostragem selecionada foi acidental ou de conveniência que, segundo Fortin (2009, p.321) “é constituída por indivíduos facilmente acessíveis e que respondam a critérios de inclusão precisos”.

Na seleção dos participantes foram considerados os seguintes critérios de inclusão: i)os participantes terem sido alvo de algum tipo de experiência de vitimação, evidenciada pela existência de processo de promoção e proteção ao nível da CPCJ; ii)ter idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos de idade, pelo facto do instrumento a utilizar, o inventário de Ryan-Wenger (1990), *Schoolagers' Coping Inventory Scale*, traduzido e

adaptado para a população portuguesa por Lima, Lemos e Guerra (2002), se direcionar para esta faixa etária.

Para aceder a estes participantes recorreu-se aos processos ativos em CPCJs da área do Grande Porto, de todas as crianças e adolescentes que tivessem idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos.

2.3.1.2 Instrumentos

Para a recolha de dados neste estudo, primeiramente, e para dar resposta ao primeiro objetivo específico - caracterizar as experiências de vitimação experienciadas pelas crianças ou adolescentes - foi efetuada uma análise dos processos ativos nas CPCJ, o que permitiu também selecionar a amostra pretendida para o estudo.

Após esta seleção inicial, foi administrado o inventário de Ryan-Wenger (1990), *Schoolagers' Coping Inventory Scale (SCSI)*, traduzido e adaptado para a população portuguesa por Lima, Lemos e Guerra (2002).

A opção por este instrumento prendeu-se com o facto do mesmo avaliar o *coping* com stressores quotidianos, os quais são objeto de estudo. Este inventário trata-se de um instrumento de autorregisto, destinado a crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos de idade e procurar avaliar a perceção da criança sobre a utilização de estratégias de *coping* perante uma situação adversa (Ryan-Wenger, 1990).

O preenchimento do instrumento tem uma duração média de cerca de 15 minutos, e é constituído por 26 itens com resposta do tipo *Likert*, numa escala de 0 a 3, avaliando a frequência de utilização de diferentes tipos de estratégias durante a ocorrência de um evento stressante («Quantas vezes fazes isto?») e a sua eficácia («Quanto é que isto te ajuda?») (Lima et al., 2002).

No que diz respeito à frequência, as respostas podem variar entre “Nunca” (0) e “A maior parte das vezes” (3). Quanto à eficácia, as respostas variam entre “Nunca faço isto” (0) e “Ajuda muito” (3) (Lima et al., 2002).

A cotação do instrumento é feita de forma isolada para a escala de Frequência e para a escala de Eficácia (Lima et al., 2002). É constituído por três fatores: o fator 1 - Distração cognitivo-comportamental - integra os itens: 2, 4, 6, 7, 8, 13, 14, 16, 19, 20; o fator 2 - Comportamento de acting-out ou de exteriorização de afetos negativos - é constituído pelos itens 9, 10, 11, 12, 21; e por último, ao fator 3 - Estratégias ativas -, correspondem os itens 1, 3, 5, 15, 17, 18.

Relativamente às qualidades psicométricas do SCSI, a fidelidade do instrumento foi estudada através da consistência interna, onde foi obtido um coeficiente *alpha* de *Cronbach* de 0.79, assim como através do método do teste-reteste, tendo-se verificado uma correlação que variava entre 0.73 e 0.82 (Ryan-Wenger, 1990).

Na versão portuguesa, foi possível verificar, com base nos resultados da análise fatorial, a existência de uma solução de três fatores para as duas escalas, na medida em que, na escala de frequência e na escala de eficácia, os fatores e respetivos itens sugerem uma solução satisfatória, interpretável e conceptualmente coerente (Lima et al., 2002). Os resultados da análise fatorial exploratória revelaram que este instrumento não revela uma estrutura suficientemente clara, tendo desta forma a autora optado por considerá-la unidimensional (Lima et al., 2002).

Através do cálculo de correlação entre os itens que compõem as subescalas, correspondentes aos três fatores encontrados, foi possível observar que todos os itens se relacionam com os resultados da subescala a que correspondem, com valores significativos, apresentando uma boa consistência interna (Lima et al., 2002).

Os valores encontrados na amostra portuguesa sugerem que as crianças do nosso país usam mais frequentemente estratégias de *coping* quando confrontadas com problemas e situações stressantes, assim como as percebem como mais eficazes, ao contrário do que indicam os vários estudos mencionados pela autora, uma vez que apresenta valores entre os 8 e os 57 para a Escala de Frequência, com uma média de 34.69, e entre 14 e 65 para a escala de Eficácia, com uma média de 43.12 (Ryan-Wenger, 1998, citado por Lima et al., 2002).

No entanto, o coeficiente *alpha* de *Cronbach* da nossa amostra apresenta valores entre 0.724 e 0.222 depois de analisadas a escala de frequência e eficácia, assim como os diferentes fatores do inventário, revelando uma fraca consistência interna, o que nos leva a ponderar que os resultados obtidos apenas são aplicáveis à amostra em estudo.

2.3.1.3 Procedimentos

Para a realização do estudo foi solicitada autorização às autoras da versão portuguesa do instrumento (SCSI) para a utilização do mesmo. Seguidamente, procedeu-se à elaboração do protocolo de investigação tendo sido o mesmo submetido à Comissão de ética da Universidade Fernando Pessoa, tendo esta aprovado o mesmo.

Para a realização deste estudo, tornou-se igualmente necessário solicitar autorização para a recolha de dados junto das crianças e adolescentes com processo de promoção e proteção aos Presidentes das CPCJs envolvidas. No pedido formal, constam essencialmente os objetivos do estudo, as características da amostra pretendidas e a manifestação de disponibilidade para os esclarecimentos necessários. Houve também lugar a reuniões de esclarecimentos sobre os objetivos e procedimentos do estudo junto dos técnicos das CPCJs.

A seleção dos participantes foi efetuada a partir da análise dos processos de promoção e proteção ativos na CPCJ. Esta análise, para além da seleção de participantes, permitiu a caracterização das situações de vitimação experienciadas pelos participantes do estudo.

Após essa seleção, as crianças foram convocadas a comparecer na respetiva CPCJ, em horário previamente agendado, juntamente com os pais ou detentores legais da guarda de facto das mesmas, para que os mesmos pudessem prestar o seu consentimento, formalizando o ato com a assinatura do consentimento informado.

O instrumento utilizado foi a versão traduzida e adaptada para a população portuguesa por Lima, Lemos e Guerra (2002) do inventário de Ryan-Wenger (1990), *Schoolagers' Coping Inventory Scale*, que inclui inicialmente uma questão sobre o sexo e outra sobre a idade da criança, seguindo-se das questões específicas do inventário.

Após a receção dos participantes, solicitou-se aos pais, ou detentores da guarda de facto das crianças, a leitura do modelo de consentimento informado, estando presentes neste documento as informações relevantes para o estudo e procedimentos éticos e deontológicos da profissão. Neste formulário encontrava-se expressa a informação da compreensão e a autorização da participação dos menores na investigação, que inclui a autorização de utilização dos dados recolhidos. Foi também lembrado que a utilização dos dados se destinava exclusivamente a uso académico, sendo os documentos assinados guardados num envelope fechado destinado para tal, de forma a evitar emparelhar os questionários com o formulário de consentimento informado, garantindo o efetivo anonimato dos participantes.

Nesta fase, foi também comunicado aos responsáveis legais e às crianças, que foi criado um código simples, associando a cada participante um número, de forma aleatória na sequência da aplicação dos inventários, salvaguardando assim o anonimato e a confidencialidade do processo.

Neste tipo de contexto, onde os participantes são crianças e adolescentes, mostrou-se essencial criar alguma empatia com os mesmos. Desta forma, iniciou-se o contacto com a identificação de ambos os intervenientes e explicou-se, de forma clara e simples, o objetivo do estudo, clarificando também qual foi o método de seleção dos participantes utilizado. Foram ainda questionados os participantes sobre a sua vontade e interesse para participar no estudo, sublinhando-se que só o fariam se assim o desejassem, podendo desistir a qualquer momento.

Após concluídas as formalidades descritas, solicitou-se aos encarregados de educação que aguardassem pelo educando na sala de espera das instalações, e deu-se início à administração do inventário, com o seguinte discurso: “Por vezes, alguns meninos sentem-se nervosos ou preocupados com algum problema, e fazem algumas das coisas que estão nesta lista. Gostava que indicasses com uma cruz quantas vezes fazes cada uma destas coisas. De seguida, gostava que indicasses na lista ao lado, quanto é que cada uma dessas coisas te ajuda a sentires-te melhor.”. A abordagem terminava com um reforço positivo sobre o comportamento da criança ou adolescente, perante a sua colaboração, e com uma saudação final.

O preenchimento do inventário foi realizado num dos gabinetes disponíveis nas instalações da CPCJ, onde apenas estiveram presentes a criança e a autora deste estudo, de forma a reduzir a influência do viés, mais provável quando há um grande número de administradores. A utilização deste espaço, no horário referido, permitiu a realização do preenchimento do questionário num espaço neutro com condições físicas para o devido efeito, que garantiu a privacidade e anonimato, com probabilidades muito reduzidas de interrupções.

Aquando da recolha de cada inventário, verificava-se o correto e completo preenchimento do mesmo, agradecendo novamente a colaboração e disponibilidade das crianças e/ou adolescentes, e dos seus encarregados de educação.

Considerando os objetivos e o desenho do estudo para o tratamento dos dados recolhidos, recorreu-se à estatística descritiva, através da utilização do software Statistical Package for Social Sciences (SPSS®), versão 23.

2.4 Análise de dados

Tendo por base os objetivos traçados para este estudo, numa primeira fase fizemos a análise documental aos processos de promoção e proteção das CPCJs, que nos permitiu

aceder tanto à idade dos participantes, como permitiu identificar as situações adversas experienciadas pelas crianças e jovens.

O tratamento estatístico dos dados recolhidos foi realizado através do *software* IBM® SPSS® (IBM - *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 23) através de procedimentos de análise diferenciados na caracterização da amostra e nas análises exploratórias.

No que diz respeito à análise das qualidades psicométricas do inventário utilizado neste estudo, foram elaborados testes para verificar a sua consistência interna, sendo analisado o alfa de Cronbach, que permite também avaliar o grau de confiança com que podemos concluir que os factos observados refletem mais do que simples coincidência do acaso, permitindo avaliar se podemos esperar padrões dos dados em amostras futuras.

De seguida procedeu-se à realização de análises estatísticas descritivas para efeito de caracterização da amostra. Foram igualmente realizadas análises estatísticas descritivas para caracterização das experiências de vitimação dos participantes.

De acordo com os objetivos propostos, deu-se continuidade à análise descritiva, onde se estudou a frequência e a eficácia das estratégias de *coping* nos três fatores considerados: Distração cognitivo-comportamental, Comportamento *Acting-Out* e Estratégias Ativas.

No que diz respeito à variável “sexo”, realizou-se um Teste *t* de Student, que permite testar se a média entre os dois grupos (sexo feminino e sexo masculino) é significativamente diferente.

2.5 Apresentação dos Resultados

2.5.1 Caracterização das experiências de vitimação dos participantes

A análise documental permitiu perceber que os maus tratos físicos constituem o tipo de violência mais sofrida pelos participantes (31.4%), seguindo-se a violência doméstica (25.7%), os casos de negligência (17.1%), o bullying (14.3%) e, por fim, a exposição a modelos desviantes (11.4%).

2.5.2 Caracterização das estratégias de *coping*

No que respeita à frequência das estratégias de *coping* utilizadas pelas crianças e adolescentes, o valor médio mais alto (2.91) indica que a estratégia mais utilizada é “Ver

Tv ou ouvir música”, seguida por *“Fazer festinhas no meu animal de estimação ou peluche”* (2.60). Outra estratégia utilizada pelos sujeitos, com valor médio muito próximo (2.57) do valor médio mais alto é *“Pensar acerca disso”*. O valor médio mais baixo (1.57) é relativo à estratégia *“Bater, atirar ou partir coisas”*, seguido da estratégia *“Implicar com alguém”* (1.66) (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização da frequência das estratégias de coping utilizadas pelas crianças e adolescentes

Estratégias de coping	Média	Desvio Padrão
1. Ficar sozinho, comigo mesmo	2.14	.912
2. Fazer festinhas no meu animal de estimação ou peluche	2.60	.976
3. Chorar ou ficar triste	2.17	.857
4. Pensar em coisas boas	2.34	.838
5. Fazer alguma coisa para resolver o problema	2.23	.731
6. Entreter-me com algum trabalho em casa	1.94	.998
7. Desenhar, escrever ou ler qualquer coisa	1.94	.765
8. Comer ou beber	2.09	1.067
9. Andar à luta com alguém	1.71	.789
10. Ficar furioso	1.83	.514
11. Bater, atirar ou partir coisas	1.57	.698
12. Implicar com alguém	1.66	.765
13. Jogar ou jogo ou fazer qualquer coisa do género	1.97	.985
14. Rezar	1.80	.933
15. Quando a culpa foi minha, pedir desculpa ou dizer a verdade	2.14	.733
16. Dormir, fazer uma soneca	2.17	.954
17. Falar comigo mesmo	2.14	.912
18. Pensar acerca disto	2.54	.701
19. Andar, correr ou andar de bicicleta	2.29	.957
20. Ver Tv ou ouvir música	2.91	.951
21. Gritar ou berrar	1.94	.906

2.5.3 Caracterização das estratégias de *coping* em função da eficácia percebida pelos participantes

Relativamente à eficácia das estratégias de *coping* utilizadas pelas crianças e adolescentes para lidar e resistir ativamente contra o impacto de experiências de vitimação, o valor médio mais alto (3.11) apurado refere-se às estratégias “*Quando a culpa foi minha, pedir desculpa ou dizer a verdade*” e “*Ver Tv ou ouvir música*”. Outras das estratégias utilizadas e percecionadas pelas crianças como mais eficazes, com valor médio muito próximo (3.00) do valor médio mais alto foram: “*Fazer festinhas no meu animal de estimação ou peluche*” e “*Pensar em coisas boas*”. O valor médio mais baixo (1.83) situa-se ao nível da eficácia da estratégia “*Implicar com alguém*”, seguida da estratégia “*Bater, atirar ou partir coisas*” (1.89). Relativamente à estratégia “*Fazer alguma coisa para resolver o problema*” verificou-se uma “não resposta” no total da amostra (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Caracterização da eficácia das estratégias de coping utilizadas pelas crianças e adolescentes

Estratégias de coping	Média	Desvio Padrão
1. Ficar sozinho, comigo mesmo	2.66	1.027
2. Fazer festinhas no meu animal de estimação ou peluche	3.00	1.085
3. Chorar ou ficar triste	2.49	1.011
4. Pensar em coisas boas	3.00	1.000
5. Fazer alguma coisa para resolver o problema	2.86	.845
6. Entreter-me com algum trabalho em casa	2.43	1.313
7. Desenhar, escrever ou ler qualquer coisa	2.51	1.121
8. Comer ou beber	2.20	1.106
9. Andar à luta com alguém	1.94	1.056
10. Ficar furioso	2.20	.933
11. Bater, atirar ou partir coisas	1.89	.963
12. Implicar com alguém	1.83	.954
13. Jogar ou jogo ou fazer qualquer coisa do género	2.26	1.221
14. Rezar	2.37	1.262
15. Quando a culpa foi minha, pedir desculpa ou dizer a verdade	3.11	.932
16. Dormir, fazer uma soneca	2.69	1.157
17. Falar comigo mesmo	2.57	1.119

18. Pensar acerca disto	3.11	.631
19. Andar, correr ou andar de bicicleta	2.69	1.105
20. Ver Tv ou ouvir música	3.11	.993
21. Gritar ou berrar	2.40	1.035

2.5.4 Caracterização dos fatores da SCSI

Conforme podemos observar na tabela 3, as estratégias de *coping* mais utilizadas e também percebidas como mais eficazes pelos indivíduos da amostra foram as pertencentes ao Fator 1, que englobam as estratégias de *coping* de distração cognitivo-comportamental, com uma média de 22.06 (D.P.=4.982) na escala de frequência, e 26.26 (D.P.=6.113) na escala de eficácia. Por sua vez, as estratégias de *coping* menos utilizadas parecem ser as que se referem a comportamentos de *acting-out*, agrupadas no Fator 2 (M=13.37; D.P.=2.568), que também são reconhecidas pelas crianças e adolescentes como as menos eficazes (M=10.26; D.P.=3.346).

Tabela 3

Caracterização dos diferentes fatores da SCSI

Fatores da SCSI		Média	Desvio Padrão
F1: Distração Cognitivo-Comportamental	Frequência (35)	22.06	4.982
	Eficácia (35)	26.26	6.113
F2: Acting-Out	Frequência (35)	8.71	2.270
	Eficácia (35)	10.26	3.346
F3: Estratégias Ativas	Frequência (35)	13.37	2.568
	Eficácia (35)	16.80	2.553

2.5.5 Análise das diferenças de sexo nas estratégias de *coping*

De forma a proceder à análise das diferenças entre o sexo dos sujeitos e as estratégias de *coping* utilizadas, e consequente eficácia das mesmas, recorreu-se ao Teste *t* de Student pra amostras independentes, tendo-se inicialmente analisado a escala de frequência e a escala de eficácia. Os valores obtidos revelam que as estratégias de *coping*, quer no que se refere à frequência ($t=2.166$; $p=0.38$), quer à eficácia ($t=2.166$; $p=0.38$), apresentam diferenças estatisticamente significativas sendo que os participantes do sexo masculino apresentam um valor médio mais elevado ($M=45.36$) do que os participantes do sexo feminino ($M=39.76$) (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Sexo e estratégias de coping (frequência e eficácia)

	Sexo	Média	t de student	Nível de significância (p)
Escala de Frequência	Masculino (N=14)	45.36	2.166	.038
	Feminino (N=21)	39.76		
Escala de Eficácia	Masculino (N=14)	45.36	2.166	.038
	Feminino (N=21)	39.76		

Tabela 5

Sexo e estratégias de coping (fatores)

	Sexo	Média	t de student	Nível de Significância (p)	
F1: Distração Cognitivo-Comportamental	Frequência	Masculino (N=14)	23.29	1.199	.239
		Feminino (N=21)	21.24		
	Eficácia	Masculino (N=14)	28.21	1.580	.124
		Feminino (N=21)	24.95		
F2: Acting-Out	Frequência	Masculino (N=14)	9.43	1.551	.130
		Feminino (N=21)	8.24		
	Eficácia	Masculino (N=14)	11.29	1.513	.140
		Feminino (N=21)	9.57		
F3: Estratégias Ativas	Frequência	Masculino (N=14)	13.71	.639	.527
		Feminino (N=21)	13.14		
	Eficácia	Masculino (N=14)	17.29	0.917	.366
		Feminino (N=21)	16.48		

3. Discussão dos Resultados

No sentido de dar resposta aos objetivos que orientaram esta investigação, segue-se a discussão dos resultados descritos anteriormente, estando subjacentes os dados de natureza teórica e empírica apresentados no primeiro capítulo deste trabalho.

A disponibilidade de recursos e estratégias utilizados pelas crianças são diferentes de sujeito para sujeito, justificando, em parte, a variabilidade existente no que se refere à forma como as crianças lidam com os eventos adversos (Dell' Aglio & Hutz, 2002).

Um fator também relevante e que pode condicionar a aquisição de estratégias por parte das crianças é a rede de suporte familiar e social, uma vez que, quando ajudada pela primeira vez, a criança aprende a ajudar e a ajudar-se a ela mesma (Lisboa et al., 2002).

Segundo Ryan-Wenger (1992) as situações adversas vivenciadas pelas crianças são diferentes daquelas que são experienciadas pelos adultos, reportando-se sobretudo a situações com os pais ou outros membros da família, professores ou a condições socioeconómicas desfavoráveis. Nesta linha de pensamento, devemos ter em consideração as características da nossa amostra, uma vez que os maus tratos físicos e a violência doméstica constituem os tipos de violência mais experienciados pelos nossos participantes, situações que se situam fora do controlo direto das crianças, pelo que são difíceis de serem modificadas pelas próprias. Estas circunstâncias podem justificar a opção dos sujeitos pelas estratégias de *coping* do tipo cognitivo-comportamental. Nestas situações, os comportamentos de distração e evitamento poderão ser adaptativos, uma vez que são as únicas soluções que se apresentam à criança.

Lisboa, Koller, Ribas, Bitencourt, Oliveira, Porciuncula, e Marchi (2002) demonstraram que a aprendizagem de comportamentos agressivos como forma de resolução das situações de conflito está diretamente relacionada com o ambiente agressivo em que a criança e adolescente está inserida (e.g., situações de violência doméstica, maus tratos, exposição a modelos desviantes). No entanto, os nossos resultados apontam para uma baixa utilização das estratégias de *acting-out*, apesar dos números indicarem que os modelos violentos estão marcadamente presentes na vida dos participantes. Boekaerts (1996) refere que as crianças podem ser resilientes em função das suas características de personalidade e da qualidade das estratégias de *coping* por elas utilizadas, o que pode justificar os resultados obtidos.

Foi realizada uma análise individual dos itens de forma a perceber se existiam estratégias utilizadas mais frequentemente por um maior número de crianças. Entre estas, procurou-se ainda identificar as estratégias percebidas como mais eficazes.

Entre as estratégias utilizadas pela maior parte das crianças estavam: “*Ver Tv ou ouvir música*”, “*Fazer festinhas no meu animal de estimação ou peluche*” e “*Pensar acerca disso*”. As estratégias percebidas como mais eficazes que fazem parte das mais utilizadas foram, “*Ver Tv ou ouvir música*” e “*Fazer festinhas no meu animal de estimação ou peluche*” juntamente com “*Pensar em coisas boas*” e “*Quando a culpa foi minha, pedir desculpa ou dizer a verdade*”, apesar de estas não estarem no grupo das estratégias mais utilizadas pelas crianças e adolescentes da amostra. Mais uma vez, devemos ter em conta que as situações adversas experienciadas pela maioria das crianças e adolescentes da amostra não são facilmente controladas pelas mesmas, não sendo desta forma expectável que os indivíduos peçam desculpa, uma vez que são eles o alvo de violência por parte de uma figura de autoridade. Desta forma, é previsível que a criança opte por estratégias de inação, distração ou evitamento, uma vez que sente que não tem o controle sobre a situação.

No grupo das estratégias menos utilizadas estão os itens “*Bater, atirar ou partir coisas*”, seguido da estratégia “*Implicar com alguém*”, que se verificaram ser também as estratégias percebidas como menos eficazes pelos participantes do estudo.

Tendo em consideração os objetivos anteriormente delineados, procuraram-se diferenças ao nível da frequência da utilização das estratégias de *coping* e da percepção de eficácia das mesmas pelos sujeitos pertencentes à amostra.

Foi possível concluir que as estratégias mais utilizadas e também entendidas como mais eficazes pelas crianças e adolescentes participantes deste estudo foram as pertencentes ao Fator 1, ou seja, as estratégias de *coping* de distração cognitivo-comportamental, que representam uma forma de lidar com as situações problemáticas através do seu evitamento (Lima et al., 2002). Segundo a literatura consultada, há tendência para se considerar as estratégias de *coping* de tipo comportamental e ativo como mais eficazes, uma vez que permitem reduzir a ansiedade experienciada pela criança (Barros, 1999).

Relativamente à frequência e à percepção de eficácia das estratégias agrupadas no fator 2 – estratégias de *acting out* – que incluem estratégias de agressão física e verbal (e.g., gritar e berrar, andar à luta), onde a criança ou adolescente fica assoberbada por emoções negativas, extravasando a sua frustração (Lima et al., 2002), revelaram ser as

menos utilizadas e consideradas menos eficazes pelas crianças e adolescentes da amostra. Com estes resultados podemos concluir que os participantes deste estudo não tendem a fazer uso de estratégias de bloqueio do problema ou a agir perante emoções negativas, não incluindo uma componente negativa elevada, de baixa autorregulação e de impulsividade, indo de encontro a estudos anteriores (Lima et al., 2002).

Resumindo, as estratégias mais utilizadas por um maior número de crianças e adolescentes, foram na sua maioria do tipo de distração cognitivo-comportamental e ativas, em oposição às estratégias de *acting-out*, nomeadamente as de agressão física e verbal, sendo também percecionadas pelos sujeitos como as menos eficazes, indo de encontro aos resultados encontrados por Sharrer e Ryan-Wenger (1995), assim como por Lima e colaboradores (2002), uma vez que a criança tem uma dependência face ao adulto, e que, como foi referido anteriormente, a maioria das crianças e adolescentes são vítimas (diretas ou indiretas) de maus tratos ou violência doméstica, situações que estão fora do seu controlo direto, uma vez que os agressores são figuras de autoridade para a criança.

No entanto, Lima e colaboradores (2002), verificaram que com o crescimento e desenvolvimento da criança, esta tende a utilizar menos as estratégias de distração cognitivo-comportamental e a percecioná-las como menos eficazes. Estes resultados podem ser também explicados devido ao maior número de participantes do sexo feminino, que, apesar de a nossa análise indicar a inexistência de diferenças significativas entre sexos, a literatura revela que as meninas tendem a utilizar mais estratégias do tipo de distração cognitivo-comportamental ou ativas, em detrimento dos meninos, que optam mais frequentemente pelas estratégias de *acting-out* (Lima et al., 2002).

As crianças tendem a recorrer mais frequentemente aos adultos quando não são capazes de solucionar os problemas sozinhas (Dell’Aglia & Hutz, 2002), no entanto, como no caso da nossa amostra os adultos são a fonte principal de stress, pode ser esta a razão que leva os participantes a recorrer mais frequentemente as estratégias de comportamento de distração cognitivo-comportamental.

A nossa amostra não revelou diferenças estatisticamente significativas, quer ao nível das escalas de frequência e eficácia, quer relativamente aos fatores que compõe cada uma das escalas. Contudo, foi possível verificar que os participantes do sexo masculino apresentam em todos os fatores e em ambas as escalas um valor médio superior aos do sexo feminino. Estes resultados podem dever-se ao facto de a amostra ter mais elementos do sexo feminino do que do sexo masculino, levando a uma maior probabilidade da presença de um viés nos resultados obtidos.

Serra, Ramalheira e Firmino (1988) referem que a aprendizagem das estratégias de *coping* pode ser influenciada pelos papéis de gênero atribuídos ao sexo feminino e masculino. Desta forma, pode dizer-se que os indivíduos do sexo feminino e os indivíduos do sexo masculino fazem uso de diferentes estratégias de *coping* para lidar ativamente com as situações adversas.

Lima e colaboradores (2002) referem que existem diferenças de sexo tanto nas estratégias utilizadas mais frequentemente, quer na eficácia das mesmas. Estes verificaram nos seus estudos que os elementos do sexo feminino tendem a perceberem as estratégias do fator 3 como mais eficazes, e os sujeitos do sexo masculino recorrem mais vezes às estratégias de *acting-out*, percebendo-as também como mais eficazes. Estas diferenças podem ser explicadas pela diferente compreensão e representação das situações de stress pelos dois sexos, ou seja, as meninas tendem a interpretar os mesmos acontecimentos como sendo mais ameaçadores e complexos, despendendo mais tempo a pensar neles, mesmo depois do seu término (Lima et al., 2002). As diferenças na avaliação dos eventos adversos podem justificar as diferenças na percepção da eficácia das estratégias de *coping* escolhidas, levando os sujeitos do sexo feminino a recorrer mais frequentemente aos recursos internos para atuar perante os problemas (Lima et al., 2002).

Para uma melhor compreensão da natureza e funções dos processos de *coping* nas crianças e adolescentes, é de elevada importância a investigação nesta temática, que nos permitirá uma melhor compreensão sobre os processos de adaptação aos agentes fonte de stress (Raimundo & Pinto, 2006).

O estudo do *coping* nestas faixas etárias é também de grande relevância uma vez que as situações desencadeadoras de stress psicológico são um fator de risco da psicopatologia infantil e da adolescência. A forma como crianças e adolescentes enfrentam os agentes stressores pode funcionar como mediador e moderador do impacto nefasto do stress no ajustamento e psicopatologias. Da mesma forma, a informação sobre a natureza e eficácia das estratégias de *coping*, pode ajudar na construção de programas de prevenção, através do aumento das competências de *coping* das crianças e adolescentes (Grant, Compas, Stuhlmacher, Thurm, McMahon, & Halpert, 2003).

Pesce, Assis, Santos e Oliveira (2005) consideram a capacidade que as crianças e adolescentes têm de estabelecer redes de apoio consistente, um fator de elevada importância no desenvolvimento das estratégias de *coping*. Os autores defendem que estes fatores podem ser relativos aos recursos e mecanismos de proteção de que as crianças dispõem na sua rede de apoio afetivo e social, sendo que esta população é

portadora das competências necessárias para fazer frente aos riscos, dificuldades através de estratégias que exigem autonomia e competência.

Nesta perspectiva, as situações adversas funcionam como um desafio de constituição subjetiva. Como foi possível observar, certas estratégias levam à superação de problemas numa tentativa de socialização através das relações afetivas e sociais, tornando-se fundamental identificar essas estratégias para ultrapassar as dificuldades do processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Podemos desta forma concluir que a aprendizagem das estratégias de *coping* faz-se através da socialização e do processo de desenvolvimento pessoal, estando ainda associadas as características de personalidade, sendo de elevada importância otimizar estas características, o que permitirá empoderar as estratégias de *coping* para uma melhor adaptação às adversidades experienciadas por crianças e adolescentes.

Conclusão Geral

A investigação tem um papel crucial no desenvolvimento do conhecimento e das profissões. Com o presente trabalho, foi nossa pretensão conhecer os tipos de vitimação a que esteve sujeita a criança e o adolescente e as estratégias de *coping* mobilizadas. Com este propósito em mente, demos início a esta investigação, pois acreditamos que com a sua concretização iríamos contribuir para uma melhor intervenção junto das crianças que vivenciam estas situações adversas.

Para além deste propósito, admitimos também que este trabalho permitiu desenvolver o nosso conhecimento nesta área tão pertinente no atual contexto social, bem como permitiu adquirir novas competências, nomeadamente na área da investigação.

As estratégias de *coping* utilizadas por crianças e adolescentes são de grande variedade, podendo estas ser agrupadas em fatores e tipos de *coping* mais vastos (Lima et al., 2002).

A definição e concetualização do processo de *coping* devem ser tidas em consideração nos estudos nesta área, e a falta de consenso e clarificação têm tido efeitos negativos na análise dos resultados dos estudos, o que dificulta a fundamentação de diferenças no *coping* em função da idade, sexo e outras características individuais (Compas Connor-Smith, Saltzman, Thomsen, & Wadsworth, 2001).

No decorrer da elaboração desta tese, foram surgindo alguns obstáculos e limitações que revelam a necessidade de investigações futuras, mais amplas e passíveis de maior controlo sobre as variáveis parasitas.

A principal limitação deste estudo foi a impossibilidade de se constituir um grupo clínico com um maior número de participantes, devido ao difícil acesso aos mesmos, o que implica uma maior precaução na análise dos dados obtidos. Esta dificuldade acresceu devido à faixa etária reduzida para a aplicação da SCSJ, entre os 8 e os 12 anos, uma vez que a presença das crianças e adolescentes nos atendimentos nas instalações das CPCJs apenas é obrigatória a partir dos 12 anos. Desta forma, sugere-se que em futuros estudos se utilize uma amostra mais alargada.

Outra limitação deste estudo deve-se ao facto de a amostra ter mais elementos do sexo feminino, levando a uma maior probabilidade da presença de um viés nos resultados obtidos, sugerindo desta forma que no futuro a amostra seja o mais equilibrada possível em todas as variáveis sociodemográficas.

Uma vez que o estudo é exploratório, pode também aqui identificar-se outra limitação, tendo em conta que não podemos estabelecer a generalização dos resultados obtidos. Assim, verifica-se a importância da realização de estudos longitudinais, já que os participantes são crianças, estando estas em processo claro de desenvolvimento.

Tendo a consciência de que este é um estudo que deve ser explorado mais profundamente, propõe-se que os estudos futuros incidam sobre as questões abordadas nesta dissertação, tendo em conta uma amostra mais elevada, idealmente representativa de crianças cujo percurso de vida revele a vivência de situações negativas. Sugere-se também o desenvolvimento de estudos comparativos, em que se procurarem comparar as estratégias de coping usadas por crianças com processo de promoção e proteção e crianças não sinalizadas neste domínio.

Todavia, apesar das limitações citadas, consideramos ter cumprido os objetivos propostos para este estudo, tendo dado mais um passo no conhecimento relativo à importância do conhecimento do *coping* neste tipo de população, reconhecendo que ainda há um vasto caminho pela frente.

Desta forma, analisamos esta investigação de forma positiva, podendo a mesma ser tida como um contributo para uma melhor compreensão da temática abordada, e para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes junto das crianças e adolescentes, assim como juntos dos restantes membros da nossa sociedade.

*Não ande apenas pelo caminho traçado, pois ele conduz somente até onde os
outros já foram.*

Alexander Graham Bell

Referências

- Almqvist, K. & Hwang, P. 1999. Iranian refugees in Sweden: coping processes in children and their families. *Childhood*, 6, 167-188.
- Antoniazzi, A. S. (2000). *Desenvolvimento de Instrumentos para a Avaliação de Coping em Adolescentes Brasileiros. Tese de Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento* (não-publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia. Porto Alegre.
- Antoniazzi, A. S., Dell’Aglío, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 3(2), 273–294. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200006>
- Barros, L. (1999). A Psicologia pediátrica: objeto, fundamentos e modelos. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 179-196.
- Barros, D. R. S. (2009). *Estratégias de coping em crianças vítimas de abuso sexual. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde* (não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- Band, E. B., & Weisz, J. R. (1988). How to feel better when it feels bad: children’s perspectives on coping with everyday stress. *Developmental Psychology*, 24, 247-253.
- Beresford, B. A. (1994). Resources and strategies: How parents cope with the care of a disabled child. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 35(1), 171–209. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01136.x>
- Boekaerts, M. (1996). Coping with stress in childhood and adolescence. In M. Zeidner e N. S. Endler (Orgs.), *Handbook of coping* (pp. 452-484). New York: Wiley
- Boekaerts, M., Hendriken, J., & Maes, S. (1987). *The stress and coping inventory*. Leiden: Leiden University. Centre for the study of Education and Instruction.
- Borges, A., Manso, D., Tomé, G., & Matos, M. (2006). Depressão e coping em crianças e adolescentes portuguesas. *Revista brasileira de terapias cognitivas*.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology, Vol. 1: Theoretical models of human development* (5th ed., pp. 993-1023). New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Carson, D. K., & Bittner, M. T. (1994). Temperament and school-aged children’s coping abilities and responses to stress. *The Journal of Genetic Psychology*, 155, 289-302.
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1994). Situational coping and coping dispositions in a stressful transaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(1), 184-195. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.66.1.184>
- Carrasco, J. & Hernández, J. (2000). *Aprendo a Investigar en Educación*. Madrid: Rialp.

- Compas, B. E. (1987). Coping with stress during childhood and adolescence. *Psychological Bulletin*, 101(3), 393-403
- Compas, B. E., Banez, G. A., Malcarne, V., & Worsham, N. (1991). Perceived control and coping with stress: a developmental perspective. *Journal of Social Issues*, 47(4), 23-34. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1991.tb01832.x>
- Compas, B. E., Connor-Smith, J. K., Saltzman, H., Thomsen, H., & Wadsworth, M. E. (2001). Coping with stress during childhood and adolescence: problems, progress, and potential in theory and research. *Psychological Bulletin*, 127(1), 87-127. <https://doi.org/10.1037//0033-2909.127.1.87>
- Compas, B. E., Malcarne, V. L., & Fondacaro, K. M. (1988). Coping with stressful events in older children and young adolescents. *Journal of Consulting Clinical Psychology*, 56(3), 405-411. Retrieved from http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&dopt=Citation&list_uids=3397433
- Dell'Aglio, D. (2000). *O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes*. Tese de Doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Dell'Aglio, D. D., & Hutz, C. S. (2002). Estratégias de coping de crianças e adolescentes em eventos estressantes com pares e com adultos. *Psicologia*, 13(2), 203-225. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642002000200012>
- Folkman, S. (1984). Personal control and stress and coping processes: a theoretical analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(4), 839-852. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.46.4.839>
- Folkman, S., & Moskowitz, J. T. (2000). Positive affect and the other side of coping. *The American Psychologist*, 55(6), 647-654. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.6.647>
- Forman, S. G. (1993). *Coping skills interventions for children and adolescents*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta
- Frydenberg, E., & Lewis, R. (1991). Adolescent coping styles and strategies. Is there functional and dysfunctional coping? *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 1, 35-43.
- Gamble, W. C. (1994). Perceptions of controllability and other stressor event characteristics as determinants of coping among young adolescents and young adults. *Journal of Youth and Adolescence*, 23(1), 65-84. <https://doi.org/10.1007/BF01537142>
- Garbarino, J. (1992). *Children in danger: coping with the consequences of community violence*. San Francisco: Jossey-Bass

- Grant, K., Compas, B., Stuhlmacher, A., Thurm, A., McMahon, S., & Halpert, J. (2003). Stressors and child and adolescent psychopathology: Moving from makers to mechanisms of risk. *Psychological Bulletin*, 129 (3), 447-466.
- Hardie, E. A. (2005). Stress-coping congruence: A tripartite conceptual framework for exploring the health consequences of effective and ineffective coping. *E-Journal of Applied Psychology: Social Section*, 1(2), 26–33. Retrieved from <http://sensoria.swinburne.edu.au/index.php/sensoria/article/viewFile/23/42>
- Heckhausen, J., & Schulz, R. (1995). A lifespan theory of control. *Psychological Review*, 102(2), 284-304. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.102.2.284>
- Hunter, S. C., Boyle, J. M. E., & Warden, D. (2006). Emotions and coping in young victims of peer aggression. In P. Buchwald (Ed.), *Stress and anxiety: Applications to health, community, work place, and education*. United Kingdom: Cambridge Scholars Publishing
- Hunter, S. C., & Boyle, J. M. E. (2004). Appraisal and coping strategy use in victims of school bullying. *British Journal of Educational Psychology*, 74, 83–107. <https://doi.org/10.1348/000709904322848833>
- Kliewer, W. (1991). Coping in middle childhood: Relations to competence, type a behavior, monitoring, blunting, and locus of control. *Developmental Psychology*, 27(4), 689–697. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.27.4.689>
- Kliewer, W. & Sandler, I. N. (1993). Social competence and coping among children of divorce. *American Journal of Orthopsychiatry*, 63(3), 432-440.
- Kochenderfer, B. J., & Ladd, G. W. (1997). Victimized children's responses to peers' aggression: behaviors associated with reduced versus continued victimization. *Development and Psychopathology*, 9(1), 59–73
- Kochenderfer-Ladd, B., & Skinner, K. (2002). Children's coping strategies: moderators of the effects of peer victimization. *Developmental Psychology*, 38(2), 267–278
- Kochenderfer-ladd, B., & Kochenderfer-ladd, B. (2004). Articles peer victimization : The role of emotions in adaptive and maladaptive coping. *Social Development*, 13, 329–349. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2004.00271.x>
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Lima, L., Lemos, M. S. & Guerra, M. P. (2002). Estudo das qualidades psicométricas do SCSII (Schoolagers' Coping Strategies Inventory) numa população portuguesa. *Análise Psicológica*, 4 (XX),555-570. Retirado a 25 de Janeiro de 2016 da base de dados Scielo Portugal.
- Lisboa, C., Koller, S. H., Ribas, F. F., Bitencourt, K., Oliveira, L., Porciuncula, L. P., & Marchi, R. B. De. (2002). Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 15(2), 345–362. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000200012>

- Lopez, D. F., & Little, T. D. (1996). Children's action-control beliefs and emotional regulation in the social domain. *Developmental Psychology*, 32(2), 299-312.
- Losoya Nancy Eisenberg Richard A. F, S. (1998). Developmental issues in the study of coping. *International Journal of Behavioral Development*, 22(2), 287–313. <https://doi.org/10.1080/016502598384388>
- Miller, S. M. (1981). Predictability and human stress: Toward clarification of evidence and theory. *Advances in Experimental Social Psychology*, 14, 203-255.
- Morais & Koller, Morais, N., & Koller, S. (2011). Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: Ênfase na saúde. In S. Koller (Ed.) *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 95-112). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moreira, C. (1994). *Planeamento e estratégias de investigação social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Myers, M. A. & Thompson, V. L. S. (2000). The impact of violence exposure on african american youth in context. *Youth & Society*, 32(2), 253-267. <https://doi.org/10.1177/0044118X00032002006>
- O'Brien, T. B., & DeLongis, A. (1996). The interactional context of problem-, emotion-, and relationship-focused coping: the role of the big five personality factors. *Journal of Personality*, 64(4), 775–813. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1996.tb00944.x>
- Oláh, A. (1995). Coping strategies among adolescents: a cross-cultural study. *Journal of Adolescence*, 18(4), 491–512. <https://doi.org/10.1006/jado.1995.1035>
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. & Oliveira, R.V.C. (2004). Risco e Proteção: Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 135-143. Retirado em 25 de abril de 2016 da base de dados Scielo Brasil.
- Peterson, L. (1989). Coping by children undergoing stressful medical procedures: Some conceptual, methodological, and therapeutic issues. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(3), 380-387. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.57.3.380>
- Raimundo, R. C. P., & Pinto, M. A. P. M. (2006). Stress e estratégias de coping em crianças e adolescentes em contexto escolar. *Aletheia*, (24), 09–19. Retirado em 25 de Abril de 2016 do site http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Editora Atlas
- Rossmann, B. B. R. (1992). School-age children's perceptions of coping with distress: strategies for emotion regulation and the moderation of adjustment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 33(8), 1373–1397. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1992.tb00957.x>
- Ryan-Wenger, N. M. (1990). Development and psychometric properties of the schoolagers' coping strategies inventory. *Nursing Research*, 39 (6), 344,349.

- Ryan-Wenger, N. M. (1992). A taxonomy of children's coping strategies: A step toward theory development. *American Journal of Orthopsychiatry*, 62(2), 256–263. <https://doi.org/10.1037/h0079328>
- Sampieri, R. (2013). Metodologia de Pesquisa. 5ª Ed. Porto Alegre: Penso.
- Seiffge-Kneuke, I. (1990). Developmental processes in self-concept and coping behaviour. In H. Bosme, & S. Jackson (Eds), *Coping and self-concept in adolescence* (pp. 51-68). Berlin: Springer
- Serra, A., Ramalheira, C. & Firmino, H. (1988). Mecanismos de *Coping*: diferenças entre população normal e doentes com perturbações emocionais. *Psiquiatria Clínica*, 9, 323-328.
- Sharrer, V. W., & Ryan-Wenger, N. M. (1995). A longitudinal study of age and gender differences of stressors and coping – Strategies in school-aged children. *Journal of Pediatric Health Care*, 9, 123-130.
- Smith, P. K., Talamelli, L., Cowie, H., Naylor, P., & Chauhan, P. (2004). Profiles of non-victims, escaped victims, continuing victims and new victims of school bullying. *The British Journal of Educational Psychology*, 74(Pt 4), 565–81. <https://doi.org/10.1348/0007099042376427>
- Stone, A. A., Greenberg, M. A., Kennedy-Moore, E., & Newman, M. G. (1991). Self-report, situation-specific coping questionnaires: what are they measuring? *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(4), 648–658. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.4.648>
- Watson, D., & Hubbard, B. (1996). Adaptational style and dispositional structure: coping in the context of the five-factor model. *Journal of Personality*, 64(4), 737–774. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1996.tb00943.x>

Anexos

Anexo A - Autorização das autoras da escala para a sua utilização

UNIVERSIDADE
FERNANDO PESSOA

Maria Goreti Rodrigues Ferreira <31629@ufp.edu.pt>

Pedido da Escala SCSI

Ligia Lima <ligia@esenf.pt> 18 de novembro de 2015 às 09:23
Para: 31629@ufp.edu.pt

Cara Goreti,

Obrigado pelo seu mail e pelo interesse na SCSI.

Junto envio o inventário assim como um texto sobre o processo de adaptação onde poderá encontrar informação sobre o processo de adaptação do instrumento (o artigo publicado na Análise Psicológica tem algumas gralhas que dificultam a compreensão do processo de cotação).

Se possível, gostaríamos que nos mantivesse a par dos resultados que obtiver com a utilização do instrumento.

Bom trabalho.

Ligia Lima

Ligia Lima
Professora Coordenadora (PhD)
Escola Superior de Enfermagem do Porto
Rua Dr. António Bernardino de Almeida
4700-077 Porto

Anexo B - Consentimento Informado para os Pais

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo (em português):

No seguimento dos trabalhos a desenvolver no âmbito do Mestrado em Psicologia da Justiça: Vítimas de Violência e de Crime na Universidade Fernando Pessoa e sob orientação da Professora Doutora Sónia Caridade, será realizado um estudo, intitulado de “Estratégias de *Coping* em Crianças Vítimas de Situações Adversas”.

Eu, abaixo-assinado, (nome completo do participante no estudo) -----

-----, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação do meu educando na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a participação do meu educando no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto na participação do meu educando no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do encarregado de educação do participante no projeto:_____

O Investigador responsável:

Nome:

Assinatura:

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa